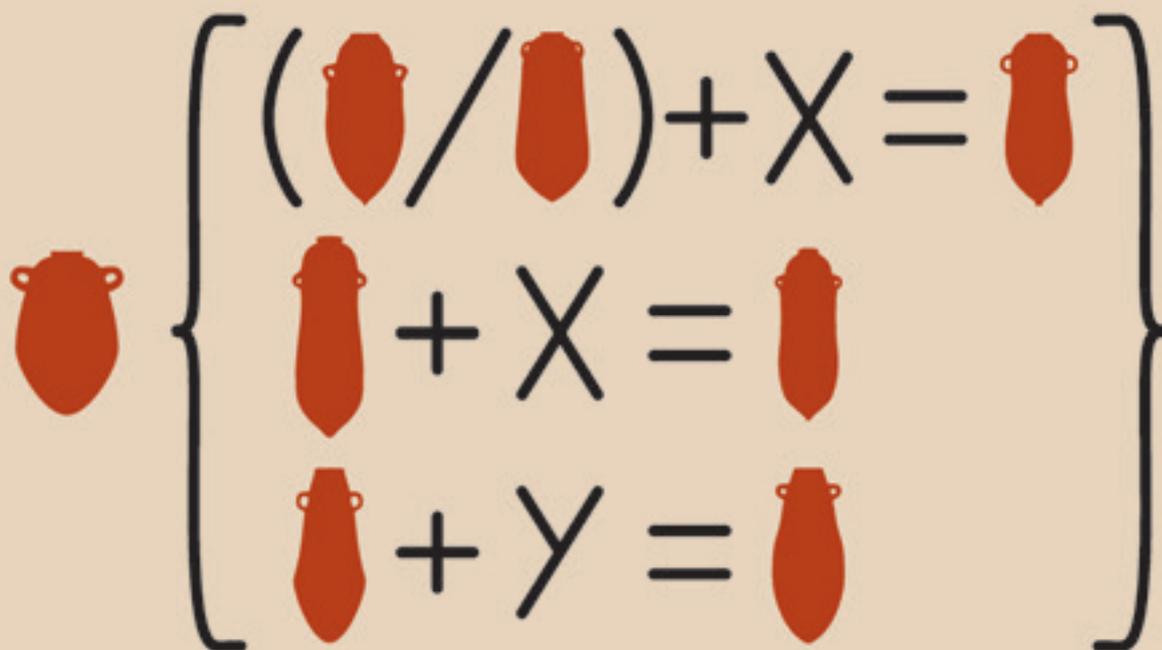


SPAL MONOGRAFÍAS ARQUEOLOGÍA
XXXIX

FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ
ANTONIO MANUEL SÁEZ ROMERO
(coordinadores)

LAS
ÁNFORAS
TURDETANAS

Actualización tipológica
y nuevas perspectivas



Las ánforas turdetanas

COLECCIÓN SPAL MONOGRAFÍAS ARQUEOLOGÍA

DIRECTOR DE LA COLECCIÓN

Ferrer Albelda, Eduardo

CONSEJO DE REDACIÓN

Álvarez Martí-Aguilar, Manuel. Universidad de Málaga

Álvarez-Ossorio Rivas, Alfonso. Universidad de Sevilla

Belén Deamos, María. Universidad de Sevilla

Beltrán Fortes, José. Universidad de Sevilla

Ferrer Albelda, Eduardo. Universidad de Sevilla

Garriguet Mata, José Antonio. Universidad de Córdoba

Gavilán Ceballos, Beatriz. Universidad de Huelva

Oria Segura, Mercedes. Universidad de Sevilla

Pereira Delgado, Álvaro. Facultad de Teología San Isidoro. Archidiócesis de Sevilla

Vaquerizo Gil, Desiderio. Universidad de Córdoba

COMITÉ CIENTÍFICO

Arruda, Ana Margarida. Universidade de Lisboa

Bonnet, Corinne. Universidad de Toulouse

Cardete del Olmo, M.^a Cruz. Universidad Complutense de Madrid

Celestino Pérez, Sebastián. Instituto de Arqueología de Mérida, CSIC

Chapa Brunet, Teresa. Universidad Complutense de Madrid

Díez de Velasco Abellán, Francisco. Universidad de la Laguna

Domínguez Monedero, Adolfo J. Universidad Autónoma de Madrid

Garbati, Giuseppe. CNR, Italia

Marco Simón, Francisco. Universidad de Zaragoza

Montero Herrero, Santiago C. Universidad Complutense de Madrid

Mora Rodríguez, Gloria. Universidad Autónoma de Madrid

Tortosa Rocamora, Trinidad. Instituto de Arqueología de Mérida, CSIC

FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ
ANTONIO MANUEL SÁEZ ROMERO
(COORDINADORES)

Las ánforas turdetanas

Actualización tipológica y nuevas perspectivas

SPAL MONOGRAFÍAS ARQUEOLOGÍA
Nº XXXIX



Sevilla 2021

Colección: Spal Monografías Arqueología
Núm.: XXXIX

COMITÉ EDITORIAL:

Araceli López Serena
(Directora de la Editorial Universidad de Sevilla)
Elena Leal Abad
(Subdirectora)
Concepción Barrero Rodríguez
Rafael Fernández Chacón
María Gracia García Martín
Ana Ilundáin Larrañeta
María del Pópulo Pablo-Romero Gil-Delgado
Manuel Padilla Cruz
Marta Palenque Sánchez
María Eugenia Petit-Breuilh Sepúlveda
José-Leonardo Ruiz Sánchez
Antonio Tejedor Cabrera

Reservados todos los derechos. Ni la totalidad ni parte de este libro puede reproducirse o transmitirse por ningún procedimiento electrónico o mecánico, incluyendo fotocopia, grabación magnética o cualquier almacenamiento de información y sistema de recuperación, sin permiso escrito de la Editorial Universidad de Sevilla.

Diseño del motivo de cubierta: Blanca del Espino Hidalgo.

© Editorial Universidad de Sevilla 2021

C/ Porvenir, 27-41013 Sevilla.

Tlfs.: 954 487 447; 954 487 451; Fax: 954 487 443

Correo electrónico: eus4@us.es

Web: <<https://editorial.us.es>>

© Francisco José García Fernández y Antonio Manuel Sáez Romero
(coordinadores) 2021

© De los textos, los autores 2021

Impreso en papel ecológico

Impreso en España-Printed in Spain

ISBN: 978-84-472-3096-9

Depósito Legal: SE 1892-2021

Diseño de cubierta y maquetación: santi@elmaquetador.es

Impresión: Podiprint

Índice

Presentación

FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ Y ANTONIO MANUEL SÁEZ ROMERO	9
---	---

Las ánforas turdetanas: testigos de una economía en transición

ENRIQUE GARCÍA VARGAS Y EDUARDO FERRER ALBELDA	15
--	----

Las ánforas turdetanas “tipo Macareno” en el Bajo Guadalquivir

FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ, VIOLETA MORENO MEGÍAS Y ENRIQUE GARCÍA VARGAS	33
---	----

Alfares prerromanos en Carmona (Sevilla)

MARÍA BELÉN-DEAMOS, ELISABET CONLIN HAYES, RICARDO LINEROS ROMERO Y JUAN MANUEL ROMÁN RODRÍGUEZ	63
--	----

Ánforas Pellicer B-C y D en la Tierra Llana onubense: estado de la cuestión

CLARA TOSCANO-PÉREZ Y JUAN MANUEL CAMPOS CARRASCO.....	89
--	----

Ánforas turdetanas del valle del Guadalete a partir del asentamiento de Torrevieja (Villamartín, Cádiz)

JOSÉ MARÍA GUTIÉRREZ LÓPEZ Y MARÍA CRISTINA REINOSO DEL RÍO ...	111
---	-----

Los contenedores de la campaña de Cádiz: las ánforas Pellicer E-1 (“tipo Tiñosa” o T-8.1.1.2)

LIVIA GUILLÉN RODRÍGUEZ	145
-------------------------------	-----

Ánforas turdetanas en la Bahía de Cádiz (siglos VI-II a.C.): Apuntes sobre su producción, consumo y papel comercial

ANTONIO MANUEL SÁEZ ROMERO	161
----------------------------------	-----

La producción de ánforas tipo Pellicer D en el ámbito malacitano: estado de la cuestión

JOSÉ SUÁREZ PADILLA, DANIEL MATEO CORREDOR Y
CRISTINA MARTÍNEZ RUIZ 201

Ánforas prerromanas del Alto Guadalquivir

VICENTE BARBA COLMENERO, ALBERTO FERNÁNDEZ ORDOÑEZ Y
MANUEL JESÚS TORRES SORIA 211

Evidências de produção anfórica no Algarve durante a 2ª Idade do Ferro

ANA MARGARIDA ARRUDA Y ELISA DE SOUSA 237

Las ánforas de la I Edad del Hierro del valle medio del Guadiana

ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ, ALBERTO DORADO ALEJOS Y
SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ 249

A produção de ânforas na costa ocidental atlântica: o caso do estuário do Tejo

ELISA DE SOUSA, JOÃO PIMENTA Y ANA MARGARIDA ARRUDA 273

Avenencias y desavenencias en torno al uso de una tipología y sus alternativas: las ánforas turdetanas

ANDRÉS MARÍA ADROHER AUROUX 289

Un universo en construcción. Reflexiones sobre la producción y comercio de ánforas de tradición fenicia en el suroeste de la península ibérica

FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ Y
ANTONIO MANUEL SÁEZ ROMERO 301

Evidências de produção anfórica no Algarve durante a 2ª Idade do Ferro

Ana Margarida Arruda

Elisa de Sousa

Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

1. INTRODUÇÃO

O litoral sul do território português manteve, durante praticamente toda a Idade do Ferro, relações comerciais e também culturais muito estreitas com o mundo andaluz. A sua costa recortada e frequentemente intercalada por baías e cursos fluviais que penetram no interior foram factores que certamente justificaram e promoveram as constantes ligações marítimas entre o Algarve e o sul da Andaluzia ao longo de praticamente todo o 1º milénio a.C. (fig. 1 e 2).

Os principais núcleos de povoamento da Idade do Ferro localizam-se, justamente, nesse litoral, como são os casos de Castro Marim, junto à foz do Guadiana, de Tavira, na foz do rio Gilão, de Faro, do Cerro da Rocha Branca, na foz do rio Arade, e de Monte Molião, na margem esquerda da ribeira de Bensafirim. As suas implantações ocorrem, geralmente, em sítios bem destacados na paisagem, com um considerável domínio visual do território envolvente e estão dotados de condições portuárias favoráveis.

Todos estes sítios proporcionaram evidências arqueológicas que comprovam a sua ocupação durante a segunda metade do 1º milénio a.C., estando francamente bem documentada, na cultura material, a importância e o carácter sistemático dos contactos comerciais e também culturais com o sul andaluz. As importações das áreas “púnicas” e “turdetanas” são extraordinariamente abundantes nestes povoados algarvios, particularmente durante os momentos finais da Idade do Ferro, materializando-se não apenas em ânforas e nos seus respectivos conteúdos alimentares, mas também nos próprios recipientes cerâmicos que eram utilizados quotidianamente pelas comunidades do sul de Portugal no armazenamento, preparação e confecção de alimentos e no serviço de mesa (Arruda 1999-2000; Arruda 2001; Sousa 2009; Sousa e Arruda 2010).

Talvez devido justamente a este abastecimento intenso e contínuo, a produção oleira da área algarvia nunca obteve os estímulos necessários para se desenvolver de forma mais complexa, limitando-se, quase exclusivamente, à produção de vasos de acabamentos pouco cuidados, quase todos integráveis na categoria de cerâmica comum. Assim, não é também de estranhar que a produção de recipientes anfóricos seja igualmente pouco expressiva, tendo sido, até ao momento, documentada de forma mais evidente apenas em Faro.

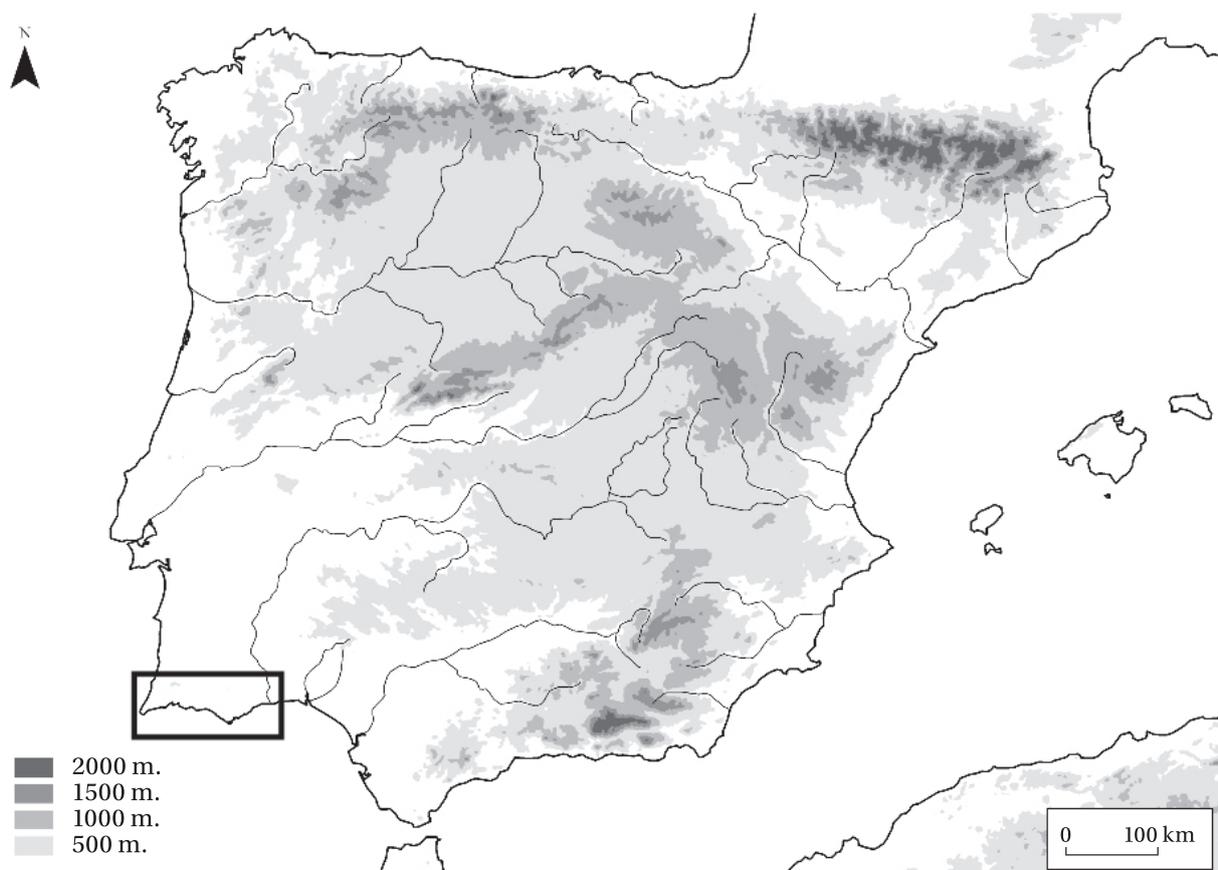


Figura 1. Localização do Algarve na Península Ibérica

1.1. História das investigações

As ânforas documentadas nos vários sítios da costa algarvia durante a Idade do Ferro correspondem, na esmagadora maioria dos exemplares, a importações do litoral andaluz e do Baixo Guadalquivir. As dos sítios mais bem conhecidos até ao momento, Castro Marim, Faro e Monte Molião, têm sido sistematicamente estudadas e publicadas (Arruda 1999-2000; Arruda *et al.* 2005; 2006; Fernandes 2009; Santos 2009; Sousa 2009; Sousa e Arruda 2010), revelando a plena inclusão deste território nos circuitos comerciais do Círculo do Estreito de Gibraltar, particularmente durante a segunda metade do 1º milénio a.C.

Contudo, os dados relacionados com a própria produção deste tipo de contentores durante a fase pré-romana no Algarve são consideravelmente mais escassos.

Os primeiros trabalhos que focaram esta questão (Arruda 1997; 1999-2000; Arruda *et al.* 2006) centraram-se na identificação e análise de alguns fragmentos de ânforas de tipo Pellicer D que tinham sido recuperados nas escavações do Castelo de Castro Marim, e que se encontravam visivelmente

deformados. Estes elementos pareciam sugerir a existência de uma produção local, ainda que tal possibilidade fosse sempre tida em consideração com as devidas reservas.

Pouco tempo depois, a análise do conjunto anfórico recolhido durante as escavações do Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, em Faro, proporcionou os elementos mais evidentes para a primeira caracterização de uma produção anfórica algarvia. Tratava-se de um conjunto relativamente numeroso de recipientes anfóricos, aparentemente inspirados nos modelos mais evoluídos do tipo Pellicer B/C, que exibiam características de fabrico distintas dos conhecidos para a área do Baixo Guadalquivir (Arruda *et al.* 2005; Sousa 2009). Estudos mais aprofundados sobre o repertório artefactual recolhido no decurso destas intervenções permitiu, posteriormente, compreender que os fabricos destes recipientes anfóricos eram idênticos aos das produções de cerâmica comum local, suportando assim a possibilidade da existência de um centro produtor de ânforas, assim como de outras categorias cerâmicas, na área da antiga *Ossonoba* (Sousa 2009).

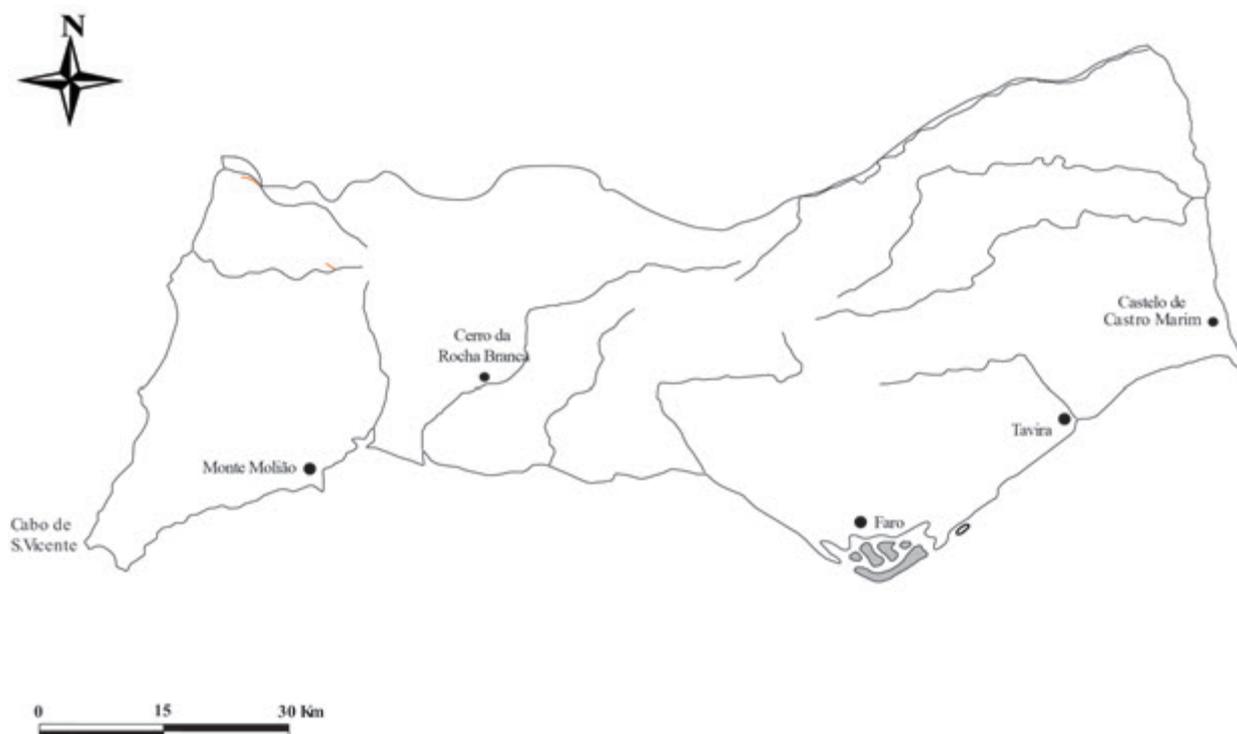


Figura 2. Localização dos sítios citados no texto

Sobre os restantes núcleos da costa do Algarve, pouco há a acrescentar. O povoado de Monte Molião não proporcionou, até ao momento, qualquer evidência que sugerisse uma produção local de recipientes anfóricos durante a Idade do Ferro, sendo os dados disponíveis para os restantes sítios, Cerro da Rocha Branca (Gomes 1993) e Tavira (Maia 2007), pouco esclarecedores. Deve, contudo, referir-se a notícia sobre a existência de um possível forno de ânforas em Tavira (Maia 2007) que, infelizmente, nunca foi devidamente publicado, permanecendo, ainda assim, em aberto, a possibilidade de Faro não ser o único centro de produção deste tipo de recipientes na costa algarvia.

2. PRODUÇÕES ANFÓRICAS E CENTROS PRODUTORES

2.1. As ânforas: tipologia, cronologia e marcas

2.1.1. Castro Marim

As escavações efectuadas, desde 1983, no Castelo de Castro Marim, proporcionaram um conjunto muito abundante de artefactos associados à sua ocupação pré-romana, entre os quais várias centenas de contentores anfóricos. Estes são, contudo, e na sua

esmagadora maioria, produtos importados da zona meridional da actual Andaluzia (Arruda 1999-2000; Arruda *et al.* 2005; 2006; Fernandes 2009; Santos 2009; Sousa 2009; Sousa e Arruda 2010).

No entanto, a recolha, durante uma das campanhas de escavação, de alguns fragmentos anfóricos muito deformados permitiu colocar a possibilidade, ainda que com as devidas reservas, que se tratasse de defeitos de cozedura, podendo assim indicar a existência de uma produção local de ânforas (Arruda 1997; 1999-2000; Arruda *et al.* 2006). Destes fragmentos, muito escassos em número, o exemplar mais bem conservado parece corresponder, morfológicamente, a uma ânfora aparentada com o tipo D de Pellicer (Pellicer Catalan 1978). O elevado grau de deformação dos exemplares impossibilita qualquer outra leitura de cariz morfológico (fig. 3).

Infelizmente, estes materiais deformados surgem descontextualizados, e considerando que esta morfologia de contentores é utilizada quer durante os momentos finais da ocupação sidérica, quer durante a fase romano-republicana (Arruda *et al.* 2006), torna-se difícil precisar a sua cronologia.

O facto de não ter sido possível identificar, dentro da totalidade do conjunto de ânforas de tipo Pellicer D exumadas em Castro Marim, qualquer

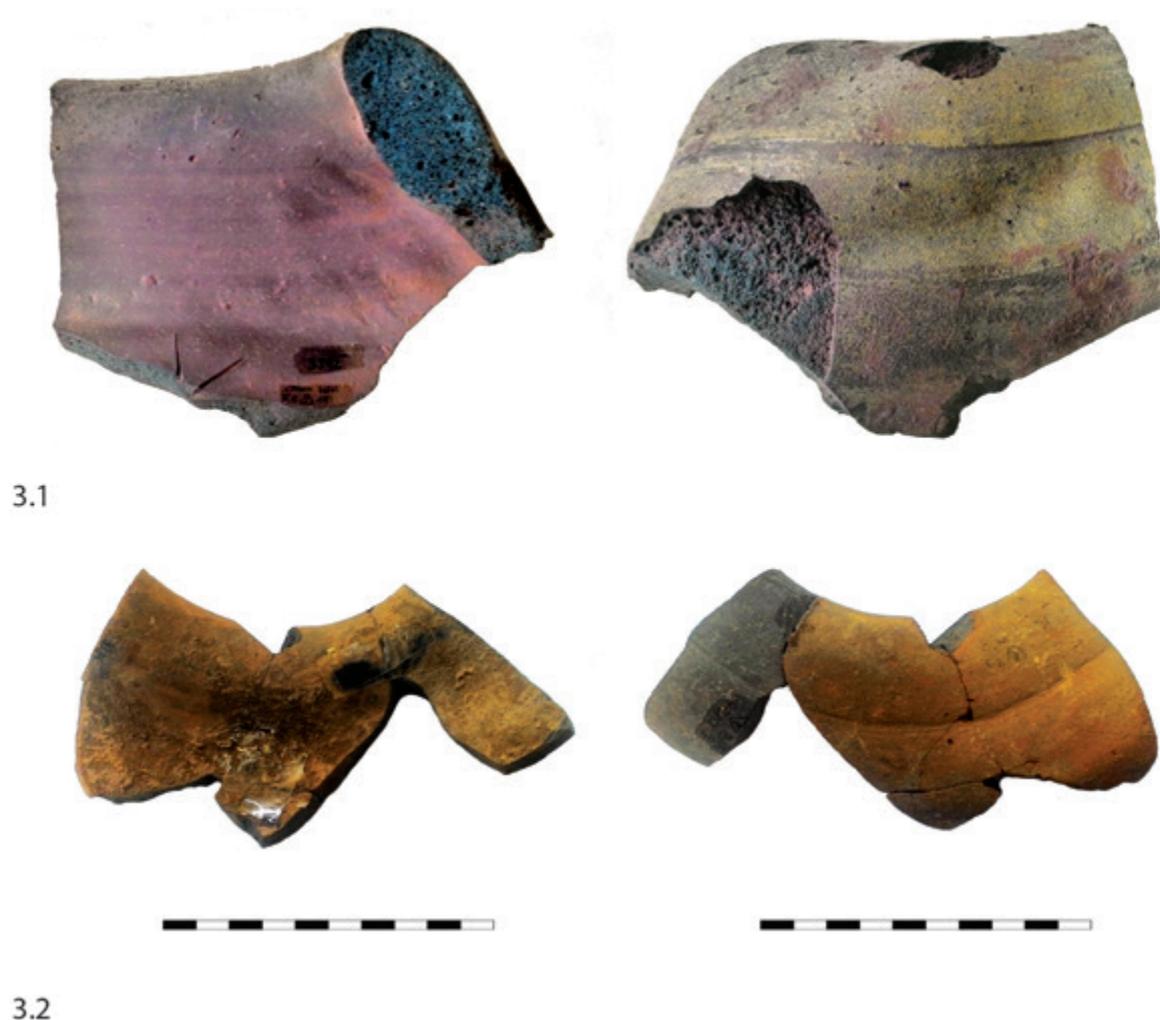


Figura 3. Fragmentos deformados recolhidos nas intervenções realizadas no Castelo de Castro Marim

exemplar com características de fabrico coerentes com as restantes produções locais de cerâmica comum, entretanto já caracterizadas (Sousa 2009), sugere que estes fragmentos deformados poderão ser meramente o resultado de uma qualquer exposição a altas temperaturas, como por exemplo episódios de incêndio ou outros processos pós-deposicionais, não sendo, portanto, evidência de uma produção anfórica local. Esta eventual exposição a temperaturas elevadas parece ser claramente visível num dos exemplares, em que fragmentos pertencentes a uma mesma peça parecem ter sido sujeitos a diferentes ambientes após a sua fragmentação, exibindo tonalidades muito díspares (ver fig. 3.2).

Contudo, apenas futuros trabalhos de campo que possam realizar-se em áreas contíguas poderão permitir um melhor enquadramento contextual destas evidências, e, conseqüentemente, a exclusão categórica de uma eventual produção local.

Entre os escassos exemplares deformados recolhidos no Castelo de Castro Marim, não se documentaram quaisquer tipos de marcas ou selos.

2.1.2. Faro

Em relação a Faro, a situação é consideravelmente distinta, tendo sido já possível reunir uma série de elementos que suportam a existência de uma produção anfórica própria da antiga cidade de *Ossonoba*, ainda que esta pareça ter tido uma dispersão geográfica muito limitada.

A área intervencionada no Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, entre 2001 e 2002, proporcionou os contextos sidéricos mais significativos para o conhecimento da ocupação pré-romana deste núcleo urbano (Sousa 2009). Apesar do espaço escavado ter sido muito reduzido, os seus níveis de ocupação pré-romana ofereceram quantidades muito

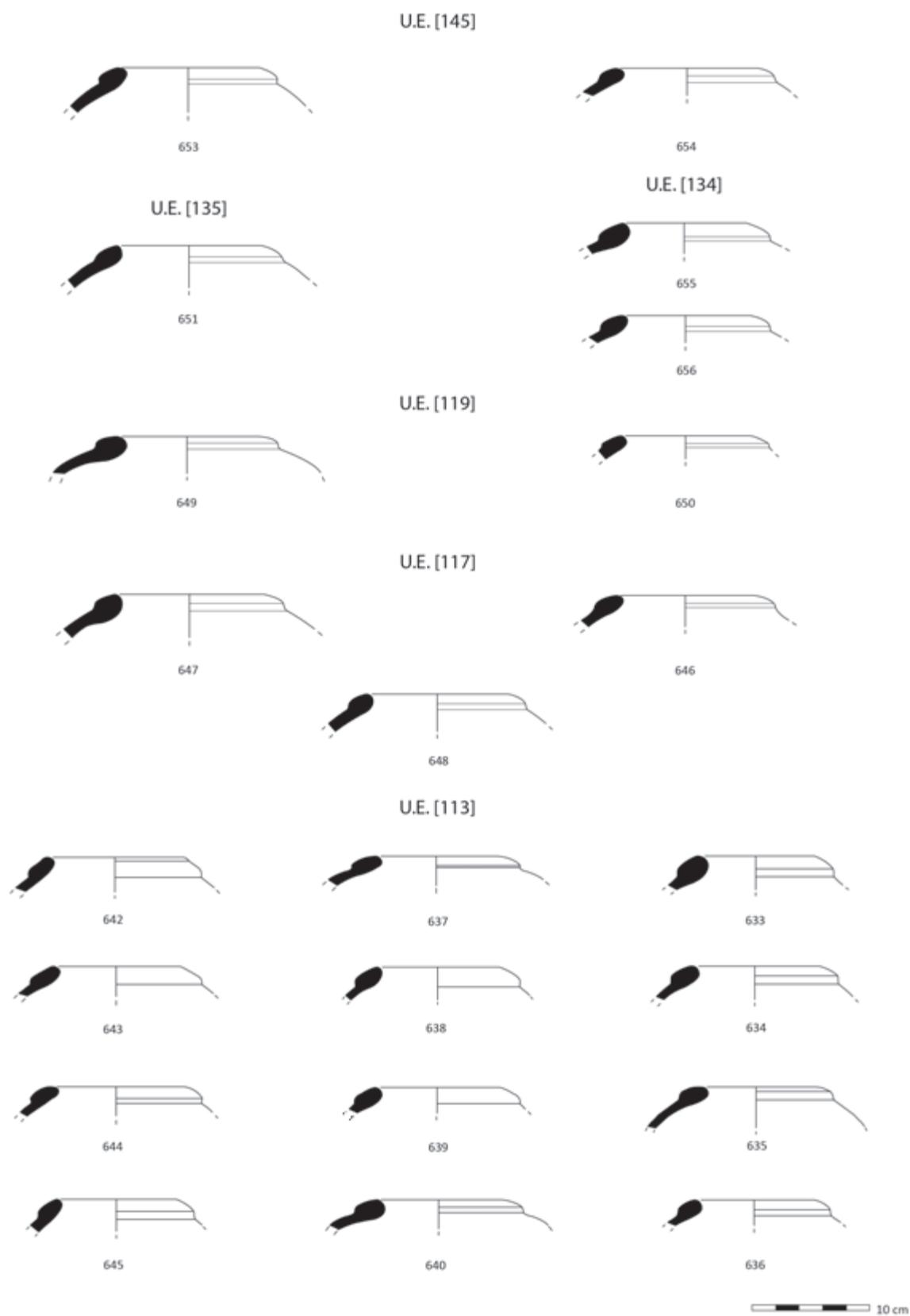


Figura 4. Ânforas do tipo Pellicer B/C de Faro – produções locais (segundo Sousa 2009)

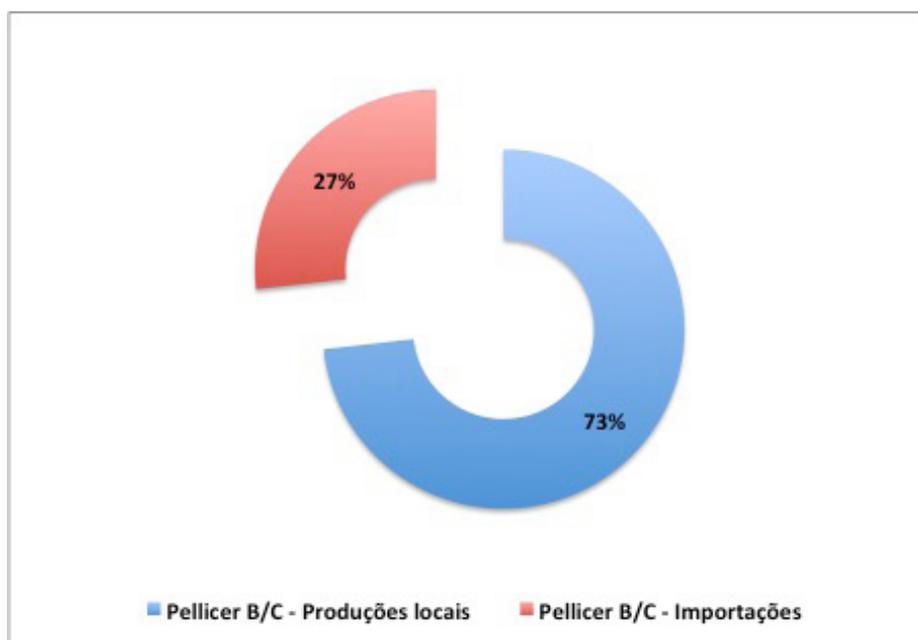


Figura 5. Distribuição das produções de ânforas do tipo Pellicer B/C recuperadas nos níveis conservados da Idade do Ferro de Faro (base NMI – segundo Sousa 2009)

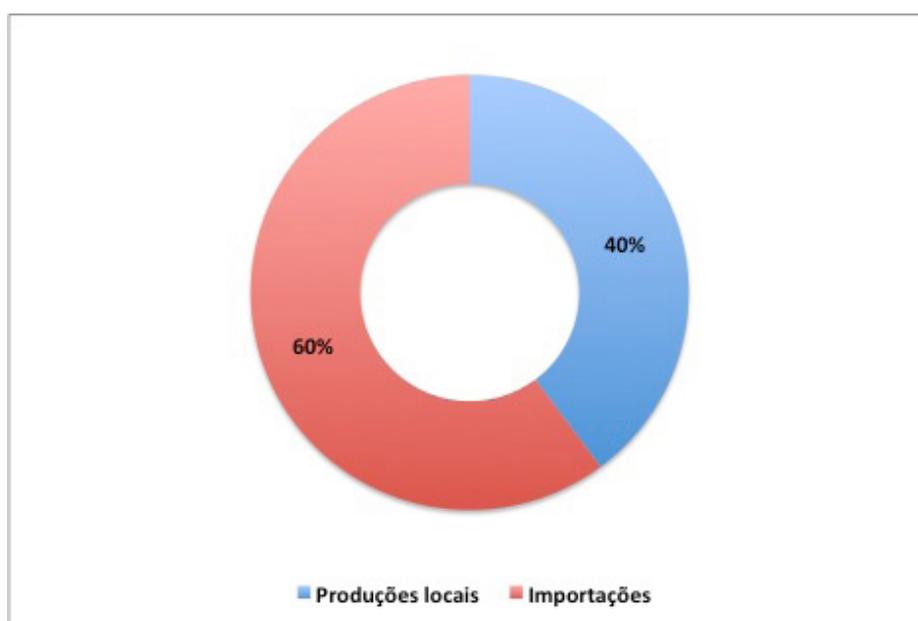


Figura 6. Distribuição das produções de ânforas recuperadas nos níveis conservados da Idade do Ferro de Faro (base NMI – segundo Sousa 2009)

significativas de materiais arqueológicos enquadráveis entre o último quartel do século IV e os inícios do século II a.C. (Sousa 2009; 2017) (fig. 4).

Nos níveis conservados da Idade do Ferro desta intervenção, recolheram-se 41 fragmentos de bordo de ânforas que se aproximam, morfologicamente, das variantes mais evolucionadas do tipo B/C de Pellicer: B/C 3 e B/C evolucionadas (Pellicer Catalán 1978). Estes exemplares exibem, contudo, características de fabrico singulares, que são também partilhadas pelas produções de cerâmica comum local (Sousa 2009).

De acordo com os dados estratigráficos, estas ânforas são produzidas desde o momento inicial de

ocupação do sítio, estando presentes logo nos seus níveis mais antigos, depositados directamente sobre o substrato rochoso, e datáveis em torno ao último quartel do século IV a.C. (Sousa 2009). Estas produções locais, que se inspiram claramente nas produções anfóricas da área do Guadalquivir, convivem, contextualmente, com os protótipos originais que lhes serviram de inspiração (Sousa 2009).

Ao longo da sucessão estratigráfica registada nos níveis da Idade do Ferro de Faro, que se prolongou até, pelo menos, ao início do século II a.C. (Sousa 2017), não se observam praticamente diferenças morfológicas entre as camadas mais antigas e as mais

recentes, sugerindo uma certa standardização da produção. Com efeito, os bordos apresentam sempre uma tendência reentrante, sendo engrossados externamente, com secções ovais ou amendoadas, aproximando-se, morfologicamente, e como já foi referido anteriormente, das variantes B/C 3 e B/C evolucionadas definidas por Pellicer Catalán (1978).

Um dado que deve ser também assinalado diz respeito ao peso percentual destas produções presumivelmente locais no quadro geral do espólio exumado. Considerando todos os fragmentos de ânforas recolhidos, apenas nos níveis conservados pré-romanos de Faro foi possível constatar que estas produções têm um peso global bastante significativo (73% do total das ânforas de tipo Pellicer B/C), ainda que sejam quantitativamente menos expressivas quando comparadas com o volume de material importado da área andaluza (40% do total de fragmentos anfóricos) (fig. 5 e 6).

Não se documentaram, nos exemplares recolhidos em Faro, quaisquer tipos de marcas ou selos.

2.2. Características tecnológicas e composição

2.2.1. Castro Marim

As pastas dos exemplares deformados recolhidos no Castelo de Castro Marim encontram-se muito alteradas, tornando difícil identificar com precisão os seus elementos não plásticos. A análise macroscópica permite registar somente algumas partículas de quartzo e calcites.

As pastas apresentam tonalidades esverdeadas e acinzentadas, ainda que tais características sejam muito provavelmente resultantes de condições pós-deposicionais, como já foi anteriormente referido.

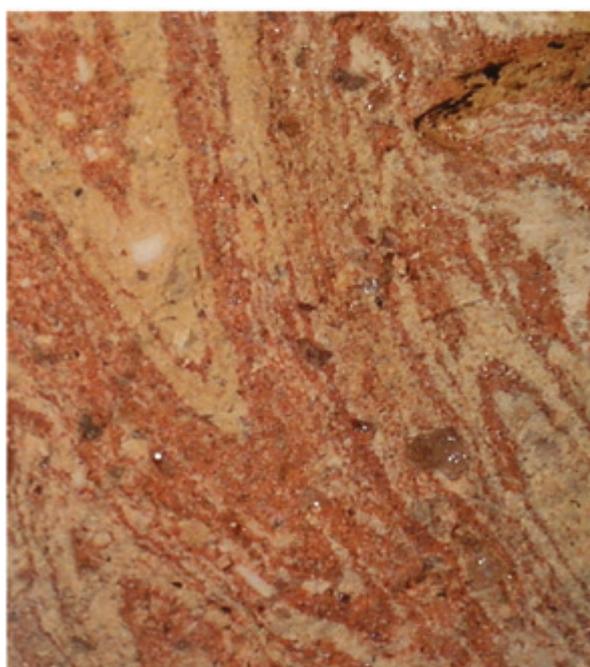
Estes exemplares não foram ainda objecto de análises radiométricas.

2.2.2. Faro

Os exemplares de presumível produção local de Faro apresentam pastas de tonalidade laranja-avermelhada (Munsell 5 YR 5/6 e 6/8) ou laranja acastanhada (Munsell 2.5 YR 5/8 / Munsell 7.5 YR 6/4), não calcárias, compactas e estratificadas, de textura fina e fractura regular e mediamente depuradas. Entre os elementos não plásticos foi possível identificar uma presença abundante de calcites e micas brancas, alguns quartzos e raros minerais negros. Com alguma frequência, estes exemplares podem apresentar veios calcários, visíveis sobretudo no núcleo dos fragmentos.



7.1



7.2

Figura 7. Fotografias das produções locais de ânforas de tipo Pellicer B/C recuperadas em Faro (segundo Sousa 2009)

Apesar de se terem realizado já algumas análises radiométricas a estes materiais, os respectivos resultados não se encontram, infelizmente, ainda disponíveis (fig. 7).

2.3. Os centros de produção: geografia e tecnologia da produção

Não se identificaram, até ao momento, os centros de produção destas produções anfóricas.

2.4. Os conteúdos das ânforas

Não se efectuaram, até ao momento, análises passíveis de determinar os conteúdos alimentares destas produções. Também não foi possível, com base dos dados arqueológicos disponíveis, documentar qualquer contexto singular que permitisse uma qualquer aproximação ao tipo de produtos envasados.

Atendendo à localização dos sítios aqui estudados, poderá equacionar-se um eventual conteúdo haliêutico. Com efeito, a implantação dos vários núcleos do território algarvio é propícia à exploração de recursos marítimos, estando este tipo de actividades amplamente documentado nos diversos contextos habitacionais. Entre estes, destaca-se, por exemplo, os contextos de cariz excepcional identificados em Tavira, onde surgem áreas com grandes concentrações de instrumentos de pesca, concretamente anzóis e restos muito bem conservados de uma rede ainda associada a vários pesos cerâmicos, assim como abundantes vestígios de fauna ictiológica e malacológica (Maia 2007). Também em Castro Marim, em contextos datados da segunda metade do 1º milénio a.C., se registaram vários instrumentos relacionados com actividades piscícolas (Pereira 2008), assim como inúmeros restos malacológicos e ictiológicos, entre os quais se destaca uma grande diversidade de espécies pescadas, entre as quais cabe assinalar o atum, ainda que se trate de animais jovens e de pequeno porte (Morales e Rosseló 2008; Arruda no prelo). A pesca no mar alto está, por sua vez, documentada em Monte Molião, considerando a identificação de grandes cetáceos e também algumas espécies de tubarões (Detry e Arruda 2013; Arruda no prelo).

No entanto, deve assumir-se que, até ao momento, não existem, em toda a costa algarvia, durante a Idade do Ferro, quaisquer evidências directamente associáveis à elaboração de produtos haliêuticos mais complexos, como tanques de salga ou qualquer outro tipo de estrutura relacionadas com tais actividades. Ainda que esta realidade possa vir a ser alterada futuramente, a possibilidade de os núcleos algarvios basearem as suas estratégias económicas essencialmente em produtos primários (sobretudo peixe e sal) deve ser considerada, o que justificaria a escassa entidade da produção anfórica da região. Contudo, deve também aqui referir-se que, a partir da época imperial, a costa algarvia é a área do litoral português que apresenta a maior densidade de indústrias de preparados piscícolas.

Um conteúdo agrícola, pelo menos para o caso da produção anfórica de Faro, poderia ser também equacionado. Contudo, a escassez de evidências que

possam relacionar directamente com a exploração de recursos agrícolas, particularmente de produtos como o vinho ou o azeite, dificultam igualmente considerar esta interpretação. Além do mais, cabe também referir que, até ao momento, não existem quaisquer evidências que permitam identificar a existência de uma rede de povoamento regional mais complexa e estruturada, capaz de proporcionar os produtos básicos necessários para gerar e abastecer esse tipo de actividades.

Contudo, e considerando a escassez de dados, sobretudo de natureza arqueométrica, pensamos ser prematuro avançar com propostas mais concretas sobre eventuais produtos alimentares comercializados.

Por último, resta apenas dizer que entre as produções anfóricas aqui analisadas, não se identificou qualquer marca, *tituli picti* ou selo.

3. A CIRCULAÇÃO E CONSUMO DE “ÂNFORAS TURDETANAS” PRODUZIDAS NA REGIÃO

O fenómeno da produção anfórica no Algarve, identificado de forma mais substancial apenas em Faro, enfrenta outros problemas no que diz respeito à natureza da sua distribuição.

Até ao momento, as ânforas presumivelmente produzidas na zona da antiga *Ossonoba* não foram identificadas em nenhum outro núcleo da costa algarvia. Deve sublinhar-se que não se trata de uma situação derivada de focos específicos da investigação, uma vez que a totalidade de materiais recuperados em contextos de idêntica cronologia, em Castro Marim e no Monte Molião, foi já exaustivamente analisada (Sousa 2009; Sousa e Arruda 2010). Com efeito, e até ao momento, em nenhum destes sítios foi reconhecida a presença de ânforas com as características de fabrico identificadas em Faro.

Esta situação indica que esta produção terá tido, efectivamente, um raio de distribuição muito limitado. Poderá, por ventura, destinar-se a uma escala de difusão essencialmente local ou micro-regional, talvez articulada com outros sítios de menores dimensões, que se encontram, contudo, ainda por identificar nas envolências da antiga *Ossonoba*. Contudo, e para confirmar este aparente cenário será necessário analisar de forma exaustiva os repertórios artefactuais da segunda metade do 1º milénio a.C. dos restantes sítios algarvios, concretamente de Tavira e do Cerro da Rocha Branca.

4. CONCLUSÕES

Como referimos no início deste trabalho, a produção cerâmica do território algarvio durante a Idade do Ferro consistiu numa actividade bastante discreta e

de carácter essencialmente local, destinando-se, de forma aparentemente exclusiva, ao auto-abastecimento dos vários núcleos de povoamento (Sousa e Arruda 2010).

Com efeito, as produções locais de cada um dos sítios que já foram devidamente caracterizados, Castro Marim, Faro e Monte Molião (Sousa 2009; Sousa e Arruda 2010), são exclusivas de cada um destes núcleos, não tendo sido comercializadas a uma escala regional. Mesmo as produções anfóricas de Faro, as únicas do Algarve que parecem ter sido fabricadas neste território, não se documentam nos restantes povoados.

Considerando este cenário, um dos problemas com que nos deparamos incide justamente na justificação de o núcleo pré-romano de Faro ter sido, aparentemente, o único da costa algarvia a ter desenvolvido uma produção anfórica própria. A explicação para este fenómeno deverá prender-se com a própria importância que este sítio terá desempenhado durante os momentos finais da Idade do Ferro. Apesar de as áreas aí intervencionadas até ao momento serem reduzidas, como já foi aliás referido anteriormente, deve assinalar-se as quantidades muito expressivas de materiais que foram recuperadas, evidenciando a grande dinâmica económica e comercial deste povoado (Sousa 2009). A sua importância terá permanecido ainda durante os momentos mais avançados da Romanização, considerando que este foi o único núcleo de povoamento algarvio referido por Estrabão (III, 2, 5).

Partindo da premissa que se trata, efectivamente, de produções anfóricas locais, levanta-se uma outra questão mais difícil de compreender: o porquê de um núcleo tão intimamente ligado à área da baía de Cádiz (Sousa 2009; Sousa e Arruda 2010) ter elegido como modelo da sua própria produção anfórica um protótipo não “gaditano” mas sim “turdetano”.

As justificações desta escolha podem ser muito variadas, desde a eleição por especificidades culturais locais a motivos que se prendem com o próprio conteúdo transportado nestes recipientes. Se a equivalência entre protótipos morfológicos e conteúdos alimentares tiver sido uma realidade durante os momentos finais da Idade do Ferro, a selecção do tipo Pellicer B/C poderia relacionar-se, em teoria, com um produto agrícola específico, possivelmente azeite, vinho ou um qualquer outro tipo de produto (lácteo, carne ou haliêutico), produzido na antiga *Ossonoba* ou nas suas imediações. Contudo, os dados disponíveis sobre análises de

conteúdos de ânforas do tipo Pellicer B/C parecem indicar que este tipo de envase poderia revestir-se de um carácter plural, não sendo ainda possível determinar se existe uma relação preferencial com algum tipo específico de produto alimentar, ainda que o azeite e um outro produto de origem animal sejam, de acordo com certas análises efectuadas, as hipóteses mais prováveis (García Fernández *et al.* 2016; Moreno Megías 2017).

Uma outra questão relacionada com esta problemática prende-se com as categorizações que se aplicam a estas distintas morfologias de contentores, fazendo sentido recordar que a aplicação do rótulo de “turdetano” para as ânforas de tipo Pellicer B/C e de “púnico-gaditano” para as produções da Baía de Cádiz é relativamente frequente. Com efeito, se analisamos as áreas do sul ocidental da Andaluzia, é efectivamente possível observar uma certa preferência por contentores do tipo Pellicer B/C no Baixo Guadalquivir (García Vargas e García Fernández 2009; García Fernández e García Vargas 2010), sendo nos horizontes artefactuais da baía de Cádiz mais abundantes as ânforas da série 11 e 12 de Ramon Torres e o tipo 8.2.1.1. (Sáez Romero 2008). Contudo, estas preferências podem relacionar-se com a proximidade dos centros de produção e com as próprias funcionalidades dos espaços escavados. Mas, quando nos afastamos destes núcleos primários e analisamos outros horizontes artefactuais de sítios de consumo integrados no chamado “Círculo do Estreito de Gibraltar”, como é o caso do litoral ocidental norte africano (Ponsich 1968; Aranegui Gascó 2001; 2005; Kbir Alaoui 2007), da área de Huelva (Belén Deamos e Fernández Miranda 1978; Belén Deamos e Escacena Carrasco 1990; Rufete Tomico 2002) e do próprio território algarvio (Arruda 1999-2000; 2001; Sousa 2009; Sousa e Arruda 2010), verifica-se a convivência destas várias morfologias de recipientes, sem que se constate presenças fortemente dominantes de uma região produtora face a outras, ainda que as produções da baía de Cádiz sejam, por norma, as mais bem representadas. Com base nos dados disponíveis, é possível defender que, nas áreas mais periféricas do Círculo do Estreito se deve matizar a distinção rígida que habitualmente se efectua entre a cultura material “turdetana” e a “púnico-gaditana”, podendo ambas serem partes integrantes de um mesmo horizonte macro-cultural que pode, contudo, e em casos concretos, e geralmente nas áreas mais próximas dos centros produtores, apresentar especificidades culturais micro-regionais.

BIBLIOGRAFIA

- ARANEGUI GASCÓ, C. (ed.) (2001): *Lixus - Colonia Fenicia y Ciudad Púnico-Mauritana; Anotaciones sobre su ocupación medieval (Sagvntum Extra 4)*, Valencia.
- ARANEGUI GASCÓ, C. (2005): *Lixus - 2 Ladera Sur. Excavaciones Arqueológicas Marroco-Españolas en la colonia fenicia. Campañas 2000-2003 (Sagvntum Extra 6)*, Valencia.
- ARRUDA, A.M. (1997): *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim no quadro das exportações gregas para a Península Ibérica*, Lisboa.
- ARRUDA, A.M. (1999-2000): *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.) (Cuadernos de Arqueología Mediterránea 5-6)*, Barcelona.
- ARRUDA, A.M. (2001): "Importações púnicas no Algarve: cronologia e significado", in *Actas do colóquio internacional "Os Púnicos no Extremo Ocidente"*: 69-98. Lisboa.
- ARRUDA, A.M. (2020): "Na cozinha e à mesa na 2ª Idade do Ferro do Sul de Portugal", in C. Gómez Bellard, G. Pérez-Jordá e A. Vendrell Betí (eds.), *La Alimentación en el Mundo Fenicio-Púnico. Producciones, procesos y consumos*: 161-179. Sevilla.
- ARRUDA, A.M.; BARGÃO, P. e SOUSA, E. (2005): "A ocupação pré-romana de Faro: alguns dados novos", *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (1): 177-208.
- ARRUDA, A.M.; VIEGAS, C.; BARGÃO, P. e PEREIRA, R. (2006): "A importação de preparados de peixe em Castro Marim: da Idade do Ferro à Época Romana", in C.T. Silva e J. Soares (eds.), *Simposio Internacional Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homenagem a Françoise Mayet (Setúbal Arqueológica 13)*: 153-176. Setúbal.
- BELÉN DEAMOS, M^a. e FERNÁNDEZ MIRANDA, M^a. (1978): "La Tiñosa (Lepe, Huelva)", *Huelva Arqueológica* 4: 197-289.
- BELÉN DEAMOS, M^a. e ESCACENA CARRASCO, J. L. (1990): "Niebla (Huelva). Excavaciones junto a la Puerta de Sevilla (1978-1982). La cata 8", *Huelva Arqueológica* 12: 167-305.
- DETRY, C. e ARRUDA, A.M. (2013): "A fauna da Idade do Ferro e época romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar", *Revista Portuguesa de Arqueologia* 15: 215-227.
- FERNANDES, F. (2009): *As Ânforas do Tipo B/C de Pellicer no Castelo de Castro Marim* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Lisboa.
- GARCÍA FERNANDEZ, F. e GARCÍA VARGAS, E. (2010): "Entre gaditanización y romanización: repertórios cerâmicos, alimentación e integración cultural en Turdetania (siglos III-I a.C.)", in C. Mata, G. Pérez y J. Vives-Ferrándiz (eds.), *De la Cuina a la Taula. IV Reunió D'economia en el Primer Mil.leni a.C. (Sagvntum Extra 9)*: 115-134. Valencia.
- GARCÍA FERNÁNDEZ, F. J.; FERRER ALBELDA, E.; ÁLVAREZ MATEOS, P. e DURÁN BARRANTES, M. M. (2016): "Análisis de residuos orgánicos y posibles contenidos en ánforas púnicas y turdetanas procedentes del valle del Guadalquivir", *Sagvntum* 48: 43-71.
- GARCÍA VARGAS, E. e GARCÍA FERNANDEZ, F. (2009): "Romanización y consumo: câmbios y continuidades en los contextos cerâmicos de *Hispalis* en épocas turdetana y romano-republicana", *Spal* 18: 121-155.
- GOMES, M.V. (1993): "O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves)", *Estudos Orientais* 4: 73-107.
- KBIRI ALAOUI, M. (2007): *Revisando Kuass (Asilah, Marruecos). Talleres cerâmicos en un enclave fenicio, púnico y mauritano (Sagvntum Extra 7)*, Valencia.
- MAIA, M. (2007): "La pesca, a actividade conserveira e as ânforas de Tavira", in *Historia de la pesca en el ámbito del Estrecho. I Conferencia Internacional*, vol. I: 455-488. Sevilla.
- MORALES-MUÑIZ, A. e ROSSELLÓ-IZQUIERDO, E. (2008): "Twenty Thousand Years of Fishing in the Strait. Archaeological fish and shellfish assemblages from southern Iberia", in C. Torben Rick e Jon M. Erlandson (eds.), *Human Impacts on Ancient Marine Environments*: 243-278. California.
- MORENO MEGÍAS, V. (2017): *Del Campo a la Ciudad: la producción y comercialización de recipients anfóricos en el Bajo Guadalquivir durante la II Edad del Hierro* (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Sevilha), Sevilla.
- PELLICER CATALÁN, M. (1978): "Tipología y cronología de las ánforas preromanas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla)", *Habis* 9: 365-400.
- PEREIRA, T. (2008): *Os Artefactos Metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana. Metalurgia em Transição: a Amostra numa Análise de Conjunto* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Lisboa.
- PONSICH, M. (1968): "Alfarerías de época fenicia y púnico-mauritana en Kuass (Arcila, Marruecos)",

- Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia* 4: 3-25.
- RUFETE TOMICO, P. (2002): *El final de Tartessos y el período turdetano en Huelva (Huelva Arqueológica 17)*, Huelva.
- SÁEZ ROMERO, A.M. (2008): *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos -III/-I)* (BAR International Series 1812), Oxford.
- SANTOS, D. (2009): *As Ânforas Pré-romanas do tipo Mañá-Pascual A4 do Castelo de Castro Marim* (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Lisboa.
- SOUSA, E. (2009): *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve* (Cadernos da Uniarq 4), Lisboa.
- SOUSA, E. (2017): "Sobre o início da romanização do Algarve: 20 anos depois", *Archivo Español de Arqueología* 90: 195-218.
- SOUSA, E. e ARRUDA, A. M. (2010): "A gaditanização do Algarve", *Mainake* 32 (II): 951-974.



Colección Spal Monografías Arqueología
Editorial Universidad de Sevilla

LAS ÁNFORAS TURDETANAS



Esta monografía reúne una serie de trabajos destinados a revisar y actualizar el conocimiento sobre la producción de ánforas derivadas de los prototipos fenicios arcaicos en el cuadrante suroccidental de la península ibérica durante la II Edad de Hierro y los primeros siglos de la presencia romana. Estos recipientes, que se denominaron indistintamente “ánforas turdetanas”, “iberoturdetanas” o “iberopúnicas”, con el fin de diferenciarlas de los envases genuinamente púnicos manufacturados en Gadir y en su área de influencia, suelen compartir un aire de familia como resultado de su origen común en la tradición alfarera próximo-oriental. A partir de la revisión de los estudios pioneros de carácter ceramológico que el profesor Manuel Pellicer Catalán desarrolló tomando como base los hallazgos de Cerro Macareno, se constata hoy que la geografía de la producción sobrepasa los límites de la antigua Turdetania, ya que se extiende hacia la costa mediterránea, por un lado, y hacia el litoral atlántico, por el otro. Los trabajos contenidos en esta monografía modifican sensiblemente el panorama científico sobre las “ánforas turdetanas” mucho más allá de la mera identificación de tipos, fases y áreas productoras, y no solo actualizan la tipología propuesta por Pellicer, sino que pretenden sentar las bases documentales, conceptuales y metodológicas que permitan en el futuro establecer una genealogía de estas producciones.

